

EDITORIAL

O Brasil dá atenção aos nossos jovens?

Inclusão da juventude no Plano Nacional de Desenvolvimento só se dará por meio de políticas voltadas para essa numerosa parcela da sociedade

Das passeatas contra a ditadura militar aos caras-pintadas, o movimento estudantil cumpriu papel importante na luta pela democracia na história recente do país. Mas será que o Brasil está dando a devida atenção aos nossos jovens?

Há duas semanas, durante o 4º Diálogo Nacional de Movimentos e Organizações Juvenis, que aconteceu em conjunto com a 7ª Bienal de Arte e Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro, cerca de 50 entidades, ONGs e movimentos ligados à juventude entregaram à Secretaria-Geral da Presidência uma carta aberta para a presidente Dilma Rousseff.

No documento, eles reconhecem os avanços obtidos no Governo Lula com a aplicação das Políticas Públicas de Juventude, por meio da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do ProJovem, a partir de 2005. No entanto, lançam uma série de reivindicações.

Uma das pautas é dar à Secretaria Nacional de Juventude o status de Ministério, com mais respaldo e financiamento para a execução de políticas específicas para a área. Também estão entre as propostas: ampliar a integração entre educação e trabalho, focando na reestruturação do ensino médio; reduzir a morte de jovens por homicídios e acidentes de trânsito; abrir oportunidades de trabalho para jovens nas Olimpíadas, na Copa do Mundo e na exploração do pré-sal, além de estruturar o serviço de banda larga.

Essas ideias pontuais contrastam com uma triste realidade: os jovens são as principais vítimas de homicídio no país, principalmente os negros, pobres e moradores da periferia. Dados do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), produzido pelo Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens, estimam que 33 mil adolescen-

tes serão assassinados entre 2007 e 2013. Cariacica ocupa o alarmante segundo lugar no ranking de homicídios de jovens entre as cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes, com 8,2 mortes para cada grupo entre 12 e 18 anos, atrás apenas de Foz do Iguaçu (PR).

Mas como dar aos jovens perspectivas de trabalho e cidadania, livrando-os do perigo das drogas e do crime? Essa solução certamente passa por uma interseção de políticas públicas capazes de oferecer ensino de qualidade e alternativas para os estudantes investirem seu tempo livre em atividades socioculturais e esportivas.

Os jovens entre 15 e 29 anos, mais de 50 milhões da população, querem educação, cidadania, trabalho, redução da criminalidade, inclusão digital, diversão e arte

Duas iniciativas no Estado comprovam essa percepção. O programa Rede Cultura Jovem, coordenado pela Secretaria de Estado da Cultura, incentiva o protagonismo juvenil por meio da realização de mostras de audiovisual, grupos musicais, elaboração de sites e premiação para organizações que apoiam trabalhos culturais de jovens. No ano passado, o programa lançou duas revistas colaborativas e implementou um portal com transmissão ao vivo de suas atividades. Por sua vez, o Centro de Referência da Juventude, ligado à Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Vitória, é um espaço de convivência com cursos e oficinas relacionados a áreas diversas do universo juvenil, como música, línguas, break, forró, capoeira, grafitti, quadrinhos, produção de vídeo, teatro, sexualidade. Porque, como disse o poeta, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.